

O REFORMADOR

SEMANARIO INDEPENDENTE

ASSINATURA:

Portugal, semestre Esc. 5000
Estrangeiro, ano Esc. 20000

ANUNCIOS:

1.ª pagina, por linha 2550
2.ª — 1350 e 3.ª 990
Permanentes, contrato especialPropriedade da Empresa
«O REFORMADOR»A. THEMUDO CORTE REAL
Director e Editor

ESPINHO, 14 DE JANEIRO DE 1923

J. LUIZ FERNANDES
Secr. da Redacção e AdministradorRedacção e Administração
Rua do Norte, 532
Comp. e Imp. na TIP. GONÇALVES
Rua do Almada, 348—PORTO

C. P.

IV

SOCIEDADE

Parabola

Um homem encontrou uma ferradura na estrada. Que felicidade!—Exclama ele.—E' a sorte que te coloca em meu caminho. E dando graças á Providencia apanhou a ferradura, e apressou-se pendurar na porta de sua casa.

Um visinho que o viu nesse momento perguntou-lhe para que fazia aquilo.

—Para ter sorte e me prevenir de qualquer desgraça. O visinho pôz-se a rir e disse ainda: Mas que relações pode ter a sorte com uma ferradura? Parece-me que para garantir a casa não ha melhor do que uma bôa tranca ou um bom cão.

O homem não respondeu. Nessa mesma noite os ladrões entraram em sua casa e levaram-lhe todo o dinheiro que ali havia.

No dia seguinte ouvindo-o lamentar se, o visinho perguntou-lhe: De que lhe valeu a ferradura? Ora, não seja tolo — respondeu o homem — A ferradura está na porta e os ladrões entraram pela janela. O visinho riu ainda mais, porém nada mais disse.

Na outra noite, os lobos conseguiram entrar no cercado da chacara do supersticioso e devoraram cinco dos seus carneiros.

Quando soube do caso, o visinho disse apenas: Oh! homem... você devia ter posto a ferradura na porta do cercado. E' mesmo — respondeu o homem muito convencido. Passam-se mais alguns dias e ha uma tempestade medonha. Os trovões sucediam-se a cada instante e cahiram varias faiscas electricas nos arredores. Mas na propria aldeia uma só casa foi alcançada, exactamente a do supersticioso que quasi morria com o susto e viu-se em grandes trabalhos para apagar o incendio ateado ao raio. Foi preciso que todos os visinhos corressem a auxilia-lo e, ainda assim, o infeliz ficou sem um só novel. Quando tudo serenou o visinho perguntou-lhe: Então? E a ferradura?

— Ora não me aborreça! A ferradura está na porta e você bem viu que o raio entrou-me em casa pela chaminé.

Aniversarios

Fez anos ha dias, o nosso presado amigo snr. Alberto Camacho.

—Fez anos a 10, o nosso bom amigo sr Humberto Alexandre Garrido, estimado comerciante no Porto.

Noivado

Pelo nosso presado amigo snr. José Augusto Quintans de Lima, muito considerado comerciante, foi ha dias solicitada para o snr. Raul José da Silva, socio da respeitavel firma Quintans Matos & C.ª Li-

mitada, do Porto, a mão de Melle Olinda Nery de Oliveira, gentil e prendada filha do importante capitalista sr. Joaquim F. d'Oliveira e Souza e ex.ª esposa, e irmã dos nossos queridos amigos srs. Dr. Nery de Oliveira, considerado clinico e Mario Oliveira e Souza, estimado comerciante.

«Delivrance»

Teve a sua «delivrance» dando á luz uma interessante e robusta creança do sexo feminino a ex.ª sr.ª D. Maria Estefania de Castro Pereira, dilecta esposa do nosso querido amigo e bemquisto negociante desta praça sr. Armando Francisco Pereira.

Mãe e filha, encontram-se bem.

Partidas e chegadas

Com destino ao Rio de Janeiro, partiu ha dias acompanhado de sua familia o sr. Alberto Santos e Abreu.

—Para Lisboa, partiu no rapido de hontem, o nosso amigo Carlos Ribeiro de Faria.

—De Lisboa, regressaram a esta praça as senhoras D. Luiza Wilson Pinto, D. Laura Antunes Ribeiro e o nosso querido amigo snr. Augusto Gomes Junior.

Doente

Encontra-se um pouco melhor o nosso prezado amigo snr. Alberto Oliveira, socio gerente da considerada Chapelaria Feniana.

Pela Imprensa

SOBERANIA DO POVO

Festejou há dias o seu aniversario o nosso distinto colega de Agueda «Soberania do Povo».

Debaixo da competente direcção do Ex.º sr. Conde de Agueda, muito illustre presidente da Camara Municipal, daquela ridente vila, o brilhante semanario apresenta-se elegantemente redigido, pugnantido pelo ideal de que é órgão.

Ao seu illustre director, corpo redactorial e demais pessoas que prestam o seu concurso á «Soberania do Povo» apresentamos as nossas calorosas saudações, desejando ao nosso presado colega a continuação das prosperidades de que justamente é merecedor.

REVISTA DA TORREIRA

Recebemos a visita deste interessante jornal que iniciou a sua publicação na interessante praça da Torreira.

Dirigido com elegancia pelo sr. Oliveira Valente, desejamos ao illustre colega longa vida e muitas prosperidades.

Excelsior Club

A sua inauguração

Realizou-se, como tinhamos dito, no passado domingo a inauguração do «Excelsior Club», cuja festa deixou encantada a assistencia, dançando-se animadamente até ás 2 horas da manhã.

A sala apresentava uma primorosa decoração, á qual presidiu o fino gosto de verdadeiro artista, apresentando as gentis damas vistosos toilettes, conjuncto de beleza alegre e folgazã proprio da mocidade.

Antes de começar o baile realizou-se a sessão solene á qual presidiu por convite o Sr. Antonio Lopes Junior a quem a Direcção preparou uma verdadeira surpresa, descerrando o retrato daquele nosso presado amigo, ao qual foi feita uma carinhosa manifestação de sympathia.

Varias entidades da terra se fizeram representar n'aquelle acto, convidando o presidente para secretarios o sr. Joaquim Moreira Junior, representante da Camara Municipal e o sr. Cassiano Marques, delegado do Espinho-Club.

O sr. Presidente depois de agradecer, comovido, a manifestação que acabavam de fazer-lhe, concedeu a palavra ao sr. Moreira Junior que n'um curto e bem delineado discurso, elogiou os fundadores do novo Club e fez votos pela prosperidade do mesmo.

Pede a palavra o estudante snr. Abrantes que se apresenta de capa pendente dos hombros e aproximando-se da mesa sauda com entusiasmo o grupo de rapazes fundadores do Club e faz votos pela sua prosperidade, agradecendo tambem a gentileza de o convidarem a visitar o respectivo salão.

No final, o sr. Antonio Lopes Junior fala por algum tempo sobre os instintos da Direcção d'aquella nova casa de recreio e instrucção, animando os rapazes seus fundadores a que prosigam lentamente na execução do seu programa, porque n'ele orador, encontrarão sempre o seu modesto auxiliar. Termina por uma rapida oratoria em que envolve a gloriosa viagem aerea Portugal-Brazil pedindo uma salva de palmas para os nossos heroicos aviadores Coutinho e Cabral e tecendo uma verdadeira corôa de rosas com os rapazes e as meninas de Espinho, com a qual engrinalda a Cruz de Christo, adoptada para emblema do Excelsior Club.

As ultimas palavras do sr. A. Lopes Junior foram coroadas de uma estrondosa salva de palmas e muito cumprimentado, succedendo o mesmo no final do discurso do sr. Moreira Junior.

Foi uma festa encantadora que satisfez os mais exigentes. Ao piano estava o sr. Adriano Lopes, executando alguns numeros o sr. Kurt, pianista alemão aqui residente.

A interrupção das nossas considerações sobre a fórmula desatenciosa como a genial e democratica C. P. (outr'ora Real Companhia) nos trata, em nada modificou a attitude aqui tomada, pois continuaremos a escalpelisa-la pelo diapasão dos artigos antecedentes.

Quer isto dizer que sistematicamente lhe dirijamos o nosso ataque, «à la diable» sem motivo ou justificação?

Significa, porventura, intransigencia da nossa parte o insistir-mos no assunto, enquanto satisfação não nos fôr dada, e justiça feita a Espinho?

De fórmula alguma. Não é por mero prazer que nos insurgimos contra quem quer que seja e não é a vil e ruim politica que nos move. Para isso preferimos alhear-nos de qualquer facção partidaria, para termos a independencia e força moral precisas e prontas a agir, sempre que Espinho necessite do nosso modesto concurso, ao serviço do qual puzemos incondicionalmente a nossa pênna.

Se amanhã essa companhia ferro-viária que outr'ora se chamava Real e agora se pavoneia imperante, chismada com as democraticas iniciais C. P. se mostrar desejosa de alguma coisa fazer em seu proprio beneficio, beneficiando a nossa linda praia, não seremos nós que lhes regatearemos os merecidos louvores.

Sendo assim e posta a questão n'estes termos, porque será que a ex-Real Companhia continua a demonstrar a sua má vontade contra esta terra, onde colhe uma grande parte das suas receitas?

Sendo assim, porque razão não manda aquella riquissima empresa informar-se das nossas reclamações para ajuizar do direito e da justiça que nos assiste?

Decididamente que a ex-Real e ferro-viária sociedade exploradora da linha que atravessa Espinho de norte a sul, não dando indícios de transigir, não aparentando sequer que alguma coisa tenciona fazer, leva-nos á convicção segura e concludente de que a sua má vontade é dura como um... bloco de granito inabalavel.

Inabalavel será o nosso ataque, enquanto a chismada C. P. se mantiver avária para com a nossa terra, que ciosamente defenderemos.

Já há dias chegou ao nosso conhecimento que da Capital viera até Espinho um snr. Inspector da ex-Real Companhia, trazendo na sua illustre bagagem os três numeros do nosso modesto semanario em que da C. P. nos ocupavamos.

Não nos consta ainda que providencias terá tomado sua Ex.ª, visto que no mesmo local onde há dezenas de anos se construiu a asquerosa barraca de pequena velocidade e que deve chamar-se de «pequenissima velocidade» ainda se lá encontra, ufanosa e altaneira, aquilo a que os graciosos já vão apelidando de Barraca do Tresquilhas... continuando tambem a deliciar-nos aquele «bouquet» triple que só as vias... ferreas poderiam fabricar sem flores.

A vêr vamos.

Bombeiros Voluntarios de Espinho

mentos á disposição dos Snrs. associados em casa do Snr. Presidente da mesma Direcção,

SABONETE TAIPAS

Preço legal: Esc. 2500

Pede-nos a Direcção d'esta humanitaria colectividade que façamos publico que, para cumprimento do disposto no artigo 44.º dos estatutos, se acham as contas e mais docu-

Lourenço Marques perante a União Sul-Africana digna sucessora de John Bull

III

— História. A bahia de Lourenço Marques, também conhecida por Lagoa Formosa e Delagoa Bay, como lhe chamam os ingleses, parece que já era conhecida antes de ser explorada por Lourenço Marques, que foi o primeiro que descobriu naquelas paragens o resgate do marfim. Chamar-se-hia então Bahía da Boa Morte, e deve o seu nome actual ao do mencionado português. Foi descoberta em 1544, como já ficou dito, e Lourenço Marques foi ali estabelecer-se com Antonio Caldeira para desenvolver com ele o resgate do marfim.

A notícia do descobrimento da bahia foi trazida a D. João III por D. João Castro.

Em 1546 mandava o mesmo rei reconhecer os rios que nela desagüam e levantar uma feitoria fortificada na margem direita do rio do Espírito Santo, a qual se tornou depois muito importante.

Explorando o commercio desta região, que consistia principalmente em marfim, firmou-se o dominio portuguez no referido rio e fundaram-se outros estabelecimentos nas ilhas dos Elefantes e da Inhaca. Começaram os holandezes a lançar vistas cubiçosas sobre a bahia, cujo commercio ia gradualmente aumentando, e em 1688 mandaram ali uma galeota para se apoderarem dela, o que não conseguiram, mas em 1721 fundaram na margem direita do rio uma pequena feitoria, fronteira ao estabelecimento portuguez, que foi arrasada pelos cafres; sem desanimarem com o revés, levantaram outra feitoria, que foram obrigados a abandonar por causa da guerra em que andavam com a Inglaterra. Entretanto o estabelecimento portuguez decaía por se ter interrompido por algum tempo a navegação do porto de Lourenço Marques, e sendo mandado restaurar o mesmo estabelecimento e a respectiva fortaleza pelo governador geral Francisco de Melo e Castro em 1752, já em 1758 se exportava dali ferro e cobre, além de marfim.

Em 1777, o comandante da nau austriaca *Joseph e Thereza*, que ia em viagem para a Índia, desembarcou no norte de Lourenço Marques uma bateria e alguma gente que se fortificou e fundou um estabelecimento, indo ali depois dois navios de guerra também austriacos, o *Príncipe Fernando* e o *Conde Proli*, que desembarcaram tropas na Inhaca, onde também estabeleceram uma feitoria; mas tanto esta como aquele foram arrasados e os navios tomados em 1 e 21 de abril de 1781 pelo comandante da fragata portugueza *Sant'Ana*, Nicolau Delgado Figueira da Cunha de Eça e por Joaquim Vicente Godinho de Mira, tenente coronel da legião dos voluntarios reais, que desembarcou duas companhias de infantaria e de cipaes e um destacamento de artilharia com peças de campanha e munições de guerra, tendo previamente prestado obediência os régulos Capela, de Mafumo, de Matola e de Inhaca. No mesmo ano o governador de Moçambique nomeou Joaquim de Araujo governador de Lourenço Marques, o qual com sessenta praças restabeleceu a feitoria e as fortificações da margem esquerda do rio do Espírito Santo, em terras do régulo da Matola. Dois anos depois, em 1783, o governador João Henriques de Almeida, sucessor de Joaquim d'Araujo, abandonou com toda a guarnição o presidio, temendo o ataque dum dos régulos visinhos que interceptara a circulação dos mantimentos entre o sertão e a feitoria. Capela cedeu em 1795 as suas terras a Portugal, e em 1796 foi o presidio atacado, saqueado e arrasado por muitos piratas e franceses, sendo depois restaurado e guarnecido em 1799. A partir deste ano o seu estado melhorou sempre até 1823, data em que os vátuas do Sul, tendo invadido os territórios do interior do districto, introduziram o trafico da escravatura, comprando-lhes os portuguezes os escravos, que em seguida eram vendidos aos franceses. A tal ponto, chegou este indigno commercio que os proprios régulos vendiam os seus subditos ou estes se vendiam a si mesmos para não morrerem de fome, pois que a região fóra devastada pelas invasões e fíccara, além de desprovida de recursos, desabitada em grande parte.

Em 1818, por influencia de Cavalcanti d'Albuquerque, governador geral da provincia, estabeleceu-se em Lourenço Marques, para a pesca da baleia, uma companhia portugueza que acabou por morte de João Pereira da Silva Caldas, assassinado pelos cafres, e em 1824 fundou-se uma outra companhia commercial com o exclusivo de todo o trafico da Bahía, e mais privilégios concedidos posteriormente, tais como o exclusivo do commercio do marfim por vinte e quatro anos e a isenção dos direitos de importação e exportação quando as mercadorias saíssem de portos portuguezes para fornecimento da mesma companhia, e de exportação quando as mercadorias saíssem da feitoria e fossem tiradas das terras da capitania de Moçambique. Esta sociedade, que teve uma vida cheia de amarguras, durou apenas dez anos.

(Continua)

A TALUDA!

Pessoa auctorizada, que se gaba de beber do «fino», dá-nos uma informação muito interessante, explicando-nos com muita graça como certo negociante de meia tigela, altamente enfiado em questões eleitorais e especialista em «apertos financeiros», conseguiu alijar-se desta ultima especialidade, com uma certa

arte e requintada limpeza, apresentando aos seus correligionarios eleiçãoeiros uma contatinha, á maneira de cartão de boas festas, na importancia de dois contos e pico, proveniente — diz o homem — de «muraça» fornecida durante o «período do terror» aos camaradas da «côr». (Até rima...)

Não sabemos a cara «horrible» que os «cristos» fizeram ao deparar com tão indigesta sobrezeza, porque não é nosso habito intrometer-nos na

vida alheia, mas o que sabemos, porque a tal pessoa auctorizada nos garantiu, é que o honrado «fornecedor» recebeu intacta a «massinha», sem lhe faltar cinco reis, conseguindo, por este meio, melhorar sensivelmente a sua encravadissima situação.

Lá de quem se trata não dizemos, nem que nos fritem no caldeirão... mas o dr. Carrapata deve saber...

REX.

Casos & Noticias

O tempo

Frigidissimo n'estes ultimos dias, não havendo memoria da temperatura ter baixado tanto. Alguma chuva, miudinha mas gelada, tem humedecido o tempo, obrigando os notivagos a regressarem a suas casas.

O mar

Apresenta-se bonançoso, mas apesar disso, a faina da pesca continua suspensa, tendo de se importar peixe de fóra para suprimir as necessidades locais.

Capitania de Aveiro

Segundo informações colhidas nos jornais da capital vai ser transferido o capitão do porto de Aveiro, sr. Silverio da Rocha e Cunha. Para o substituir foi nomeado outro oficial da mesma patente. Oxalá que o novo capitão consiga meter na ordem o seu subordinado, que aqui exerce as funções de cabo de mar, evitando a sua interferencia na politica local, que não estando de harmonia com a imparcialidade que requer o logar que desempenha, só tem prejudicado varias pessoas julgando que essas perseguições o elevarão a... ministro da marinha...

Feiras

Com regular concorrência realizou-se na ultima 2.ª feira a costumada feira semanal, tendo-se verificado grande afluência de gados, hortaliças, legumes, cereais e outros artigos. Os preços dos generos conservaram a cotação da feira anterior salvo pequenas alterações.

Farmácia

Está hoje patente ao publico a «Antiga Farmacia Resende» do Sr. Antonio Lopes da Silva Junior á rua Bandeira Coelho.

Manoel Fernandes Forte

Tem estado doente mas já se encontra felizmente melhor, este nosso dedicado amigo, socio gerente da importante firma Navarro, Sucessor, do Porto.

Lêde e propagai

O REFORMADOR

A Partida do Soldado

Meigo casal de lavradores de cabelos brancos, de vida pura, cujo transcurso deslizará desde a primavera dos seus amores dum edilio perene, numa comunhão bem dita de alegrias e de pezares.

Tinham um filho, agronomo distinto, cuja educação se forjara nos principios mais austeros da moral e do civismo, entre risos e carícias. A sciencia adquirida, em cursos premiados, fizera dele um homem superior, um homem completo. Tinha paixão do trabalho, porque só nele reconhecia o direito de viver, e tinha o fanatismo da agricultura, porque a considerava a riqueza básica dum povo.

Viviam os tres, alheados do mundo e das lutas cidadinas, os velhos, porque assim haviam vivido os seus avós, e assim haviam vivido eles desde que se conheciam, o mancebo, porque das cidades que percorra para formar o seu cérebro e fortalecer a sua vontade não colhera elementos que o amalgassem com uma sociedade em que quasi tudo lhe pareceram quimeras, formosas algumas, mas quimeras.

Ouvira falar muito, em comícios, de solidariedade humana, mas observara em mil factos que os pseudo-evangelisadores tinham diante de si um mito, quando muito, uma aurora, espumada, que havia de ser luz em seculos distantes. E por isso se afizera ao casal de seus pais, porque ali uma grande colmeia humana mourejava de sol a sol, cavando a pródiga terra, que em poucos anos fizera a fortuna dos seus, alargando-lhes o patrimonio até onde a vista podia abranger.

Porque ali, sim, solidarios eram todos na labuta quotidiana, maquinistas, cavadores, hortelãos, lenhadores, ceifadores, guardadores de gado, mestre escola e capelão. Para todos havia casa, e templo, quer este se chamasse igreja, quer se chamasse escola.

Todos á noite, na largada do trabalho, cantavam as mesmas canções e proclamavam a mesma ventura, porque os velhos, ricos, quando passavam sorriam e diziam: «Adeus meus filhos», e o novo quando os dirigia lhes chamava «seus amigos».

No ano em que estamos a natureza criadora espalhara a mãos cheias a abundancia por toda a vasta herdade. As manadas e os rebanhos aumentaram cincoenta por cento, os vinhedos eram uma promessa como, que se lembrassem, Deus nunca fizera, as oliveiras vergavam, as searas, oh! as searas, desde que os velhos iniciaram o seu edilio, e já lá ia uma fiada de anos, parecia terem estado á espera da sciencia do agronomo, para pela primeira vez, adubadas a preceito, se desentranharem em vinte sementes e significarem que tinha razão de ser o aforismo: «trabalha que eu te ajudarei» um dos muitos da sabedoria das nações, traduzidos em sisteses imortaes.

Naquella tarde os velhos, como que convidados a presidirem a uma grande solenidade, vieram sentar-se no alpendre da, vetusta e rica habitação, sob o docel da latada. Quem os visse, com as alvas cabeças nimbadas dum raio de sol evade através a folhagem, fitando o espaço imenso num extasi enternecedor sentiria na alma a ancia de os adorar.

Lá em baixo, nas eiras, as maquinas mais aperfeiçoadas debulhavam e enfiavam, e os castelos de espigas transformavam-se em castelos de trigo e em montes de palha comprimida.

Mais além, formosos e espadandos latagões manobravam ainda airosas ceifadeiras, para que não faltassem as munições naquela guerra santa em que todos estavam empenhados para enriquecer a herdade, aumentar o bem estar da colmeia e dar alimento á patria.

Rebanhos de carneiros merinos e grande recurso de gado mular e cavalar serpenteavam pelas encostas a caminho dos apriscos e dos estabulos. Centenas de vacas gordas ruminando restos de ervas tenras davam dos seus úberes opulentos a materia prima da primeira refeição da manhã para um mundo de criaturas e a materia das vastas queijarias.

E em toda essa orquestração complexa e complicada a seara de condão do filho da herdade-modêlo, operava prodigios de ordem, de disciplina, de simplicação, de rendimento e de satisfação plena.

Os vadios das cidades, kistos das esquinas, brotoeja das vielas, endosmos e dos cafés e exsudação das tabolagens, que matam a vida babujando com ditos equivocos a mulher que passa, envenenando com a escórias das suas calunias a honra alheia ou despejando em catadupas a sua ignorancia crassa sobre tocos de problemas transcedentes da hora presente, deviam ser encurralados em herdades assim para aprenderem a ser honestos e bons e uteis, desafogando o ambiente das cidades, onde, como nos campos, é preciso que se viva a vida e não mata-la como eles fazem, para que a gente sã não sofra dos miasmas deletérios que a poeira das ruas colhe das suas almas torvas.

(Continúa)

L. Pupo.

Prato do dia

Já lá vão uns quinze dias que o 1922 deu a alma ao criador no dia e hora anticipadamente prevista, tal qual tem sucedido aos seus malfadados antecessores, e as gentes, ainda tremem de medo, ao pensar que o maldito poderia arrepende-se

e resurgir das proprias cinzas.

Verdade, verdade, ainda nenhum ano se despediu sem deixar de si tristes recordações.

Quando morre um pobre diabo que nos embaraçou e apoquentou em vida, ainda dizemos; — Coitado, apesar de tudo, era boa pessoa, para não fugir do estafadissimo ditado que reza: para ser

Capão. Delicioso vinho de meza

EXIGI-LO EM TODA A PARTE

bom, mas ta morrer, mas para um ano qu e acaba nunca há compaixão e vêmo-lo passado sempre com satisfação, e ao vê-lo ir, tomamos folego, como um galego, depois de carregar com um piano.

Infelizmente o que se lhe segue, nunca é melhor. Os anos sucedem-se cada vez peores e desde tempos pre-historicos, ninguem conta ter havido alguém capaz de os louvar.

Mas se os anos não são bons, não é do seu papá, o tempo, que nos devemos queixar, mas de nós mesmos que somos de cada vez peores.

A luta pela vida tem tornado os homens ferozes, é de egoismo o ambiente que respiramos e que nos envenena dia a dia, e o que podiamos usufruir de felicidade damo-lo na luta de cada dia, para satisfação de ficticias vaidades.

E por que assim é, que peso nos póde fazer o facto de o ano começar ou acabar, se nos continuam a doer os calos e a cahir o cabelo, se temos todos os dias as atribulações da vespera, uma conta a pagar, a mulher e o seu satellite, a sogra, para aturar, os vizinhos a aferroar-nos a pele, o senhorio a esfolar-nos, o mercieiro a envenenar-nos, se dentro deste banditismo vivemos e viveremos, até chegar o esticanço final em que nos atiram o corroido e estropiado corpinho a estrumar os nabos e os feijões?...

Para o geral das gentes um novo ano é sempre pretexto de fazer previsões e esperam vêr florir de novo as suas esperanças.

São flores de pouca dura que as desilusões bem depressa desfolharão; depois como são más linguas por indole e porque tem de sahir a bem ou á força aos seus pessimistas papás, terão de dizer mal deste ano e dos outros, como dizem mal de tudo, esquecendo-se, como sempre, de dizer mal deles, teimando em não querer vêr o argueiro no seu olho.

Pois irão muito bem por esse caminho, continuem, como até aqui, a não pagar ao alfaiate, a arriscar a fidelidade conjugal, a jogar á roleta e a fazer as diabruras que são pão nosso de cada dia neste vale de lagrimas e digam depois que foi culpa do Borda d'Agua, por que preceitou chuva de verão e sol de inverno.

Ano novo, sim; ano bom, veremos; lavo daí as minhas mãos.

MIUDEZAS

Trovas populares

*Adeus menina que passa
Vestida de flanela
Volte atraz, não é chalaça,
Venha ver os do «BELÓR»
A defender a gamela*

*Os do «belór» tem um bico
Par'cido c'o da cegonha,
Metem-no em toda a parte
Que è uma pouca vergonha*

*Não ha tasco nem tasqueiro,
Que não lhes conheça a rônha,
... Tem um bico muito grande,
Par'cido c'o da cegonha...*

*Na posse da nova «CAMBRA»,
Em linha reta sentados
Dando larg'ús comichões...
Esperam a voz do dono:
Tó-tós — Beras — Verdilhões!*

Os anos mudam, mas nós não mudamos, a não ser de casa ou de camisa. Quando eles veem, já nós cá estamos, e com tão má companhia, os anos, por mais novos que sejam, são sempre maus, são anos perdidos.

Porto, Dezembro, 1923.

Aristides.

ADVOGADO

— Rua 14 n.º 955 —

FUTEBOL

Espinho vence Progresso por 3 bolas a 1

O jogo, no começo, surpreende-nos pela sua rapidez e energia.

O Progresso dá-nos a impressão, por momentos, duma «equipe» de grande classe.

O primeiro quarto de hora pertence-lhe em absoluto. A sua linha avançada, sobretudo, tem tiradas apreciáveis, lançando-se os seus homens com uma decisão e rapidez pouco vulgares.

O Espinho, talvez por surpreendido, limita-se á defeza. Vilar perde uma boa ocasião de abrir o activo, mas pouco depois, vinga-se desse desaire, marcando um tanto frouxamente, devido a um erro de Valente, a primeira e unica bola do seu grupo. Todavia, daí em diante, o jogo vai perdendo o brilhantismo do começo.

Os verdes e brancos afrouxam extraordinariamente. O esférico estabilisa-se a meio campo, durante bastante tempo.

O Espinho, pouco a pouco, ganha terreno.

Andrade faz algumas defezas boas, mas não póde impedir que Napoleão, salvo erro, apoz grande barafunda, intro-

duza o balão nas rédes confiadas á sua guarda.

Quasi no final, Lopes tem uma bela fugida, com um excelente remate.

Andrade, bem colocado, segura o esférico, mas, talvez por receio da avalanche adversaria, deixa-o escapar por entre as pernas, indo ele animar-se mais uma vez nas suas rédes.

O segundo tempo foi menos interessante, não deixando, contudo, de ter fases boas.

O Espinho carrega mais e melhor.

Artur Sebastião desenvolve uma actividade admiravel, sendo bem o constante pesadelo de Andrade, mormente nas saídas.

O Progresso sucumbe ligeiramente, sendo dominado, por vezes, fortemente.

O Espinho marca mais uma bola, a ultima da tarde.

Apesar dos esforços porfiados dos verdes e brancos, aos quais parte da assistencia não deixou de incitar ruidosamente, o resultado não se altera, terminando, pois, o desafio pelo triunfo do Espinho por 3 bolas a 1.

O jogo agradou-nos.

Ambos os grupos desenvolveram, no geral, grande energia e combatividade, ás vezes, até, em exagero.

O Espinho ganhou bem o encontro, mas teve no Progresso um adversario digno de respeito.

Do grupo vencedor, notamos o bom trabalho de Maganinho, Fernandes, Napoleão e Artur Sebastião.

Do Progresso, estiveram bons Andrade, irmãos Pinto, Vilar, Teixeira e o avançado extremo direito.

Este ultimo exagerou, por vezes, as suas cargas ao guarda-réde adversario.

João Sampaio, o juiz indicado pela Associação, por incomodo de saude, apenas arbitrou o primeiro tempo, sendo a segunda parte dirigida por Salviano Valente.

Ambos foram correctos e imparciais.

BOX

Crespo volta a ser desclassificado, em Lisboa

Na impossibilidade de poder ostentar o titulo de campeão de meio-medio, porque isso não agradava á Federação de box e a certa parte do publico da capital, o nosso fogoso Crespo, aquela lidima gloria nacional no pugilismo, pois que se os seus recursos são escassos os dos outros que possuímos são nulos, decide a bater-se pelo titulo dos leves.

Não lhe foi isso tarefa facil porque teve de abater alguns quilos, mas nem esse tão homerico sacrificio foi compreendido pelos dirigentes do nosso box.

Se outra categoria houvesse entre nós e Crespo a tentasse, equivaleria isso a uma terceira desclassificação.

Ninguem poderá apodar-nos de bairristas porque temos dado sobejas provas do contrario. O que, porem, não podemos deixar passar em julgado, são deslealdades desta natureza.

Que Crespo deu uma cabeçada! foi o pretexto desta desclassificação, como se poderia atribui-la a uma ferradela ou a um pontapé.

Mas o que nós não atingimos é como Crespo inutilisa os adversarios sem que disso para si resulte o menor enfraquecimento. Terá êle cabeça de ferro?

Tavares é impetuoso e sabe pouco, ninguem o ignora, mas é leal e nobre. Porventura Ruivo não se recordará do celebre combate em que lhe bateu baixo e que Crespo consultado pelo arbitro (sr. Rosa Brito) diz não ter importancia a pancada?

São contrastes que doem! Crespo gosta de vencer com as quatro onças e outro tanto não podemos dizer de Faustino ou Ruivo.

Aguardêmos o dia em que o público de Lisboa saiba apreciar com serenidade o trabalho de Crespo—e isso não tardará, crêmo-lo—e então verêmos apear lá das olimpicas alturas quem se tem lá mantido à custa de muita audácia.

Outros resultados dos desafios de domingo

2.ª CATEGORIAS

Espinho vence Progresso por 4x1

Academico vence Vilanovense por falta deste.

3.ªs CATEGORIAS

Academico vence Vilanovense por 6x0

Foi um desafio monotono pelo constante dominio do grupo vencedor, que se devia traduzir ainda por um maior numero de bolas.

O Academico, campeão nesta categoria, apresentou-se destreinado e com falta de coesão, principalmente na linha de avançados. Gostamos de Hernani e dos dois defezas, sendo para salientar a boa colocação e jogo inteligente de Antonio Neves, se bem que pouco seguro no pontapé.

Do Vilanovense apenas se tornou digno de menção o trabalho do defeza direito, que é muito bom.

Academico vence Vilanovense por 4x0

dominio bastante nitido do grupo vencedor, que está regularmente constituído. Tem alguns elementos novos muito bons ou aproveitáveis, ao lado de alguns já maduros e velhos nestas coisas.

Vilanovense jogou com vontade do principio ao fim.

TEATROS

Cinematografo

No teatro Aliança realiza-se hoje uma surpreendente sessão cinematografica com «films» da serie d'ouro.

Na proxima 5.ª feira é a festa dos porteiros deste cinema, estando já escolhido um excelente programa constituído por peluculas do maior sucesso.

Dr. Gaspar de Abreu

ADVOGADO
Largo de S. João Novo
PORTO

DROINA

Limpa ouro, prata e todos os metaes. Talheres, marmores e lava todas as qualidades de tintas.

Pedidos ao agente

J. Santos Carvalho

RUA 16 N.º 1035—ESPINHO

Alfaiataria e Camisaria

LACERDA

RUA BANDEIRA COELHO

ESPINHO

Grande e variadissimo sortido de casimiras nacionaes e estrangeiras

do mais requintado e fino gosto para fatos

e sobretudos, de primorosa execução

Perfumarias e artigos de toilette, gravatas, camisas

e todos os artigos pertencentes a este ramo de negocio

Contra o frio
nada mais
comodo que o
Capote Alentejano

O REFORMADOR Semanario —
= Independente

Redacção e Administração—Rua do Norte, 532—Espinho

Ex.^{ma} S^{ra}
Julia Soares